

## A ALEGORIA COMO PERSPECTIVA DE ABORDAGEM EM *O Centauro no Jardim*, DE MOACYR SCLIAR

ELLEM RUDIJANE MORAES DE BORBA<sup>1</sup>; RAÍSSA CARDOSO AMARAL<sup>2</sup>,  
THAMIRES DE CARVALHO MARCHEZINI<sup>3</sup>; ALFEU SPAREMBERGER<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – ellemdsjb@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – issa.amaral@hotmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – thami-marchezini@live.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas, Orientador – alfeu.sparemberger@terra.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a obra *O Centauro no Jardim* (2011), do escritor Moacyr Scliar, publicado pela primeira vez em 1980, utilizando a alegoria como estratégia de abordagem. Para a realização desta pesquisa nos embasamos no livro de Gilda Salem Szklo, *O Bom Fim do Shtetl: Moacyr Scliar* (1990). A autora se inspira nos ensaios de Walter Benjamin sobre a modernidade, em que o narrador se apresenta como estranho em uma sociedade de massificação, situação próxima à vivida pelo judeu na sua condição de estrangeiro, forasteiro, carregando todos os problemas de adaptação em um mundo que não é o seu. Nessa obra, Gilda Szklo faz um estudo profundo do mundo fantasioso e lúdico retratado nas produções de Scliar.

Como suporte teórico, em relação ao texto alegórico, utilizamos os livros *A Alegoria* de Flavio R. Kothe (1986) e *Introdução à Literatura Fantástica* de Tzvetan Todorov (1980), especialmente o Capítulo 4: “A poesia e a alegoria”. Essas leituras nos possibilitaram a percepção de que o texto alegórico consiste em um discurso, que carrega uma segunda conotação, em outras palavras, é um processo mental que nos faz concretizar os conceitos abstratos presentes nos textos, ou seja, a alegoria pode ser entendida como uma representação concreta de uma ideia abstrata. Cada elemento que compõem a alegoria quer dizer algo além de seu significado e não aquilo que representa a primeira vista. Podemos dizer que alegoria significa dizer o outro.

### 2. METODOLOGIA

A perspectiva metodológica adotada é bibliográfica e de análise textual. O presente trabalho é resultado parcial de uma pesquisa em fase de desenvolvimento que visa produzir um estudo da obra de Moacyr Scliar, a partir do suporte teórico centrado na noção de alegoria.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A situação de inadaptado e de alienado ao meio faz-se perceber logo no início do romance, com o nascimento de Guedali, um lindo bebê, robusto, corado, uma criança perfeita, da cintura para cima; da cintura para baixo, um cavalo. De acordo com Gilda, a alegoria é mitológica, já que

(...) retoma antigas tradições, elementos míticos e guarda, na memória a plenitude existencial de um Paraíso original (...) a imagem contraditória de uma realidade desfavorável (...) existe nela resquícios de simbolismo (SZKLO, 1990, p.26).

Scliar utiliza em sua obra o elemento mitológico, representado pelo centauro, para se referir à problemática judaica, justamente pela figura do centauro ser capaz de ilustrar a divisão étnica e religiosa, a dualidade entre a modernidade e a tradição, ou seja, a dificuldade de se integrar ao grupo de origem e seus valores, ou a assimilação de uma nova cultura, representando um corte em relação ao passado. Essa é uma situação de conflito para os filhos dos imigrantes judeus, pois, assim como Guedali, precisam realizar uma escolha: perder suas marcas culturais e religiosas e romper com os laços de ligação com o povo judeu ou assimilar uma nova cultura e adaptar-se ao mundo ocidental, apagando os sinais que os ligam às tradições dos seus antepassados e a uma etnia nem sempre festejada.

A reflexão sobre as questões levantadas por Moacyr Scliar na sua obra nos possibilita um maior entendimento quanto à escolha da temática vinculada à vida judaica, especialmente no presente romance, cuja trajetória da personagem, que, apesar de centauro, não deixa de enfrentar todas as problemáticas humanas do homem moderno e, mais especificamente, dos descendentes dos imigrantes judeus. Ao analisar esse texto devemos observar as considerações de Flavio Kothe em relação à representação da alegoria nos textos literários e a sua correlação com as forças sociais:

Nenhum texto é significativo apenas em si mesmo: ele significa dentro de um complexo sistema de semelhanças e diferenças com outros textos, e todos eles significam enquanto expressão da realidade. Ser ou deixar de ser expressão de algo passa, necessariamente, pela instancia do poder. (...) Se a leitura busca saber o que o texto significa, e este nunca significa em si mesmo, a leitura tem de decifrar a correlação das forças sociais que permitiu o afloramento de um certo texto, de um certo modo (KOTHE, 1986, p. 48-49).

Kothe, ao examinar a natureza da alegoria como construção textual, pondera que a alegoria tem o objetivo de representar concretamente uma ideia abstrata. Além disso, significa o emprego de uma maneira figurada para representar algo que queira dizer outra coisa, ou seja, a alegoria possui uma correlação com a metáfora. Portanto, não deixa de ser uma metáfora continuada que consiste na substituição de um pensamento a favor de outro, ligado ao primeiro por uma relação de semelhança, deste modo:

“A força da metáfora é proporcional à quantidade e qualidade de coisas que ela for capaz de sugerir de modo sintético. Ela é tanto mais surpreendente quanto mais distantes entre si forem os elementos de comparação” (KOTHE, 1986, p. 9).

Todorov também usa palavras parecidas ao falar sobre o texto alegórico e sua estreita relação com a metáfora. O autor cita Quintiliano, ao falar da ideia que se fazia de alegoria, na Antiguidade: “Uma metáfora contínua se desenvolve na alegoria” (TODOROV, 1980, p. 35). Em outros termos, uma metáfora isolada indica apenas uma maneira figurada de falar, porém se a metáfora é contínua, seguida, revela a intenção segura de falar também de outra coisa, além do objeto primeiro do enunciado. Esta definição nos possibilita um meio pelo qual podemos identificar a alegoria presente na obra de Scliar e também em outros textos alegóricos. Por exemplo, para transparecer a ideia de força e coragem é comum o

uso do leão para simbolizar tais qualidades, ou da coruja para simbolizar sabedoria. Termos como esses são utilizados para designar diversos atributos que seriam comuns a estes seres, que poderiam muito bem ser atribuídos a outros por analogia, ou seja, são qualidades inerentes aos seres comparados. Essa comparação permite uma relação metafórica. Contudo, ao fazermos essa relação, projetamos elementos do mundo animal (leão, coruja, centauro) para o mundo humano. Porém, cabe ressaltar, as qualidades designadas para os animais são peculiares a uma realidade humana ou dentro de uma perspectiva também humana.

#### 4. CONCLUSÕES

Para uma alegoria produzir sentido, ela deve ser compreendida perfeitamente pelo leitor, ou seja, precisa ser decodificada. Kothe também destaca: “Num texto artístico, todo o significado tende a tornar-se um significante de novos significados” (KOTHE. 1986, p. 66).

Nesse romance, o sentido alegórico mostra-se claro ao trazer como elemento central o centauro Guedali que é, em primeiro lugar, alguém em busca da sua identidade como homem ou centauro, como judeu ou brasileiro, como descendente de imigrante que assimila a cultura ocidental ou permanece fiel às tradições do povo judeu. Justamente esse sentido de incompletude dá o tom alegórico ao romance, embora seja importante admitir que essa não é a única leitura possível da obra.

Na presente análise, entendemos que a alegoria “é manifestação e denúncia implícita do reprimido” (KOTHE, 1986, p. 67). Podemos concluir que essa situação de repressão mostra-se representada na duplicidade da condição de homem/cavalo que aparece como representação de uma outra realidade: a natureza verdadeira do judeu como ser em permanente exílio, desterrado e carregado de solidão.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KOTHE, Flavio R. **A Alegoria**. São Paulo: Ática, 1986.

SZKLO, Gilda Salem. **O bom fim do shtetl: Moacyr Scliar**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

SCLIAR, Moacyr. **O centauro no jardim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ZILBERMANN, Regina. “Moacyr Scliar: a vida é a obra.” In: **A Guerra no Bom Fim**. Porto Alegre: LPM, 2014, pp. 7 a 16.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. (Volume 98 - Coleção Debates). São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.